

Balada de amor ao vento (2003): aspectos da colonização passíveis a investigação na escrita de Paulina Chiziane

Balada de amor ao vento (2003): aspects of colonization subject to investigation in the writing by Paulina Chiziane

Luana Micaelhy da Silva MORAIS¹
Luiza Benício PEREIRA²

Resumo

A colonização no território moçambicano teve início em 1498, instaurando-se a imposição sociocultural, religiosa e a escravização realizada pelos portugueses. O romance contemporâneo *Balada de amor ao vento* (2003), da escritora moçambicana Paulina Chiziane evidencia, dentre outras temáticas, o universo do colonialismo. Por essa razão, o tomamos como *corpus* analítico com o objetivo de refletir sobre os aspectos da colonização entre os personagens. A metodologia se configura como interpretativa e qualitativa, tendo como base: Bezerra (2012), Bonini (2016), Dantas (2011), Fanon (1968), Freitas (2010, 2012), Gutiérrez (2014), Lima (2001), Mignolo (2017), Noa (2017), entre outros. Os resultados indicam que a partir da relação entre os personagens, a exemplo de Mwando, nota-se que ele representa o sujeito colonizado, atuando, de certo modo, como um instrumento no processo de opressão, assim como muitos moçambicanos colonizados obrigados a executar as ordens do colono.

Palavras-Chave: Colonização. Escrita Literária. Moçambique. Paulina Chiziane.

Abstract

Colonization in Mozambican territory began in 1498, establishing the sociocultural, religious imposition and the enslavement carried out by the Portuguese. The contemporary romance *Balada de amor ao vento* (2003), by writer mozambican Paulina Chiziane, highlights, among other themes, the universe of colonialism. For this reason, we take it as an analytical corpus with the aim of reflecting on aspects of colonization among the characters. The methodology is configured as interpretative and qualitative, based: Bezerra (2012), Bonini (2016), Dantas (2011), Fanon (1968), Freitas (2010, 2012), Gutiérrez (2014), Lima (2001), Mignolo (2017), Noa (2017), among others. The results indicate that from the relationship between the characters, like Mwando, it can be seen that he represents the colonized subject, acting, in a way, as an instrument in the process of oppression, as well as many colonized Mozambicans forced to carry out the orders of the colonist.

Keywords: Colonization. Literary writing. Mozambique. Paulina Chiziane.

¹ Mestra em Literatura e Estudos Interculturais pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade (PPGLI) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: luanam0716@gmail.com

² Mestra em Literatura e Estudos Interculturais pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade (PPGLI) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: luizabenicio14@gmail.com

Introdução

A literatura moçambicana vincula-se ao contexto de sua história, há “um diálogo constante com os movimentos de emancipação política” (FREITAS, 2012, p. 17). De modo semelhante, busca-se abordar as características que compõem o aparato cultural, social, econômico, ancestral e religioso do país no resgate das fontes que alimentam por diferentes vieses a identidade moçambicana (FREITAS, 2012). A socióloga Eliane Veras Soares (2014) acentua que as literaturas africanas são fortemente marcadas pelo processo colonial e traz, inclusive, a marca desse período na adoção da língua do colonizador, todavia, constrói-se uma luta anticolonial que toma como instrumento a língua imposta para propagar os ideais libertários, o nacionalismo e a valorização do sujeito africano e de sua pátria.

Semelhante contexto podemos visualizar no Brasil, em que a literatura vem passando por um processo de modificações, a exemplo, citamos a literatura afro-brasileira que abre um leque de discussões direcionando o olhar para os grupos minoritários, textos que tomam como inspiração a realidade dos negros, indígenas e mulheres, rompendo o modelo hegemônico e europeu. As influências do colonizador dão lugar a uma literatura que toma como inspiração a cultura dos povos originários e dos descendentes de africanos, tendo como finalidade a valorização da cultura e a busca por respeito à diversidade.

Temos como objetivo principal analisar os aspectos da colonização a partir da relação estabelecida entre os personagens na obra *Balada de amor ao vento* (2003), publicada pela primeira vez em 1990. A metodologia parte de uma análise da narrativa com foco no objeto escolhido concomitante a uma revisão sistemática da literatura a partir das contribuições teórico-reflexivas de: Bezerra (2012), Bonini (2016), Dantas (2011), Fanon (1968), Freitas (2010, 2012), Gutiérrez (2014), Lima (2001), entre outros.

O referido romance é narrado em primeira pessoa por Sarnau, que conta a sua história de amor com o jovem seminarista Mwando. Pela perspectiva da narradora-personagem conhecemos “temáticas estruturantes do contexto moçambicano como tradição e modernidade; matrimônio; família; poligamia; crenças; sobrevivência, dentre outras” (PEREIRA, 2022, p. 23). O enredo é ambientado no sul de Moçambique, localidade de várias etnias e culturas, sendo a maioria de origem *bantu*, em uma sociedade que privilegia a mulher enquanto figura simbólica. Apesar da narração ocorrer em

primeira pessoa, em determinados momentos notamos a presença de um narrador em terceira pessoa, que se faz presente a partir de sua impressão acerca dos personagens. No texto chizianiano é possível observar a perspectiva da mulher moçambicana pertencente à estrutura social falocêntrica e hegemônica.

Paulina Chiziane nasceu em Gaza, no ano de 1955 e cresceu em Moçambique, Maputo. Filha de um alfaiate e de uma camponesa foi educada nos costumes tradicionais, juntamente com seus oito irmãos. Seu pai, um anticolonialista, exigia que se falasse em casa apenas a língua materna, o *Chope*³. Seu contato com a língua portuguesa se deu na escola primária católica em que estudou.

Em entrevista⁴, a escritora relata a dificuldade que teve em se adaptar e compreender as aulas porque não dominava na época o português, sendo, inclusive, vista por suas colegas como “não civilizada”. Contudo, este fato não a impediu de se tornar uma renomada escritora moçambicana. Na sua juventude, participou ativamente dos movimentos da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO). No ano de 2021, ganhou o Prêmio Camões.

Paulina Chiziane divulgou, inicialmente, os seus escritos literários em jornais e revistas no ano de 1984. Entretanto, é com a obra *Balada de amor ao vento* (1990), que se tornou a primeira mulher de Moçambique a publicar um romance. A escritora não se considera uma romancista, mas sim, uma contadora de histórias, pois a sua inspiração é baseada na tradição oral, nas memórias construídas ao redor da fogueira.

A escritora busca transmitir através da sua linguagem literária a condição das mulheres moçambicanas, que vivenciam a realidade de uma sociedade pós-colonial, no debate das questões de gênero e de poder que continuam vigentes em Moçambique. Chiziane (2013) declara ter a esperança de que um dia as suas obras possam colaborar com a sociedade, modificando a realidade das mulheres que vivem em condição de sofrimento. É importante acentuar que ao recusar denominações, Chiziane adere a um processo de decolonialidade⁵ em que através de sua escrita é possível que a visão do colonizado seja evidenciada.

³ Informações retiradas do *site* de biografia da UFRGS sobre autoras africanas, disponível em: <https://www.ufrgs.br/africanas/paulina-chiziane-1955/>. Acesso em: 4 de jul. 2022.

⁴ Entrevista disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bo3VCEXemzk>. Acesso em: 4 de jul. 2022.

⁵ A decolonialidade pode ser compreendida conforme Oliveira e Lucini (2021), como uma perspectiva que se estende além da categoria teórica, expandindo-se como denúncia e luta.

Inicialmente, discutiremos de maneira sintética os aspectos gerais de Moçambique para que se possa conhecer os desdobramentos sociais, históricos e culturais do país do qual emerge a produção literária. Em um momento posterior, pensaremos o romance, destacando características amplas que o compõe, direcionando-se, em seguida, à análise dos aspectos da colonização na narrativa.

Contexto histórico de Moçambique: breves reflexões

Por estarmos falando da literatura moçambicana, torna-se indispensável discutirmos brevemente sobre o contexto histórico de Moçambique para que possamos compreender o lugar do qual o falar de Chiziane parte. Moçambique é um país africano e teve sua colonização iniciada por volta de 1498, quando Vasco da Gama chega a Moçambique e “faz aliança com o rei de Melinde” (FREITAS, 2012, p. 21). Em 1507, o país passa a ser usado como porto pelos portugueses que usufruíam do comércio e também na colonização do território indiano; em 1697, “após frustradas tentativas de exploração do ouro e marfim, o comércio de escravos tornou-se a principal atividade dos portugueses em Moçambique” (FREITAS, 2012, p. 21). Inúmeros negros foram escravizados e vendidos para a América do Norte.

O país carrega em sua história longos cinco séculos de exploração, trabalho escravo, desvalorização dos costumes, bem como um processo de luta e resistência por sua independência. Bonini (2016) ressalta que, “as nações colonizadoras, numa tentativa de enfrentar a crise econômica, intensificam políticas de extração de riquezas do território africano” (BONINI, 2016, p. 107). Essas políticas eram opressoras e discriminatórias, deixando a população moçambicana desamparada e em extrema pobreza.

A exploração e escravização ocorrida em Moçambique fragilizou imensamente o povo que foi submetido a diversas atrocidades. De acordo com Oliveira e Coelho (2019), a discriminação relacionada às populações negras era bastante acentuada, colaborando com o processo de animalização dos sujeitos africanos, que apesar da opressão sofrida não conseguiu, durante um longo período, romper com a exclusão.

Na luta por independência moçambicana surgiram muitos movimentos nacionalistas que fortaleceram os ideais de resistência, conforme Freitas (2012) nos anos iniciais do século XX, emergem grupos como “a Liga Africana (1920), o Instituto Negrófilo, a Associação dos Naturais de Moçambique, a União Democrática Nacional de

Moçambique, a União Nacional Africana de Moçambique” (FREITAS, 2012, p. 20). Posteriormente, em junho de 1962, formou-se a Frente Liberal de Moçambique (FRELIMO), liderada por Eduardo Mondlane⁶ (FREITAS, 2012). Os ataques às forças portuguesas começaram em 1964 e terminaram em 25 de abril de 1974, logo, em 25 de junho de 1975, ocorreu a oficialização da independência moçambicana (FREITAS, 2012).

Sabe-se que Moçambique é um país diverso, “de muitas tribos, muitos costumes, muitas religiões, muitas línguas” (FREITAS, 2012, p. 24). E é neste cenário múltiplo que surge a literatura moçambicana e os seus desdobramentos formativos e de representação, enunciada pela pena criadora de cada escritor e escritora que busca romper o silêncio e escrever os seus dizeres.

Por volta do século XX, a cultura e costumes africanos começaram a ser timidamente valorizados (FREITAS, 2010). É nesse período que podem ser constatados o despontar de “movimentos mundiais de fundamentação e valorização da identidade negra e africana, como o pan-africanismo e a Negritude” (BONINI, 2016, p. 107). Esses grupos contribuíram com o fortalecimento da resistência nos países africanos e, conseqüentemente, com a identidade nacional (BONINI, 2016).

É através desse contexto de luta e libertação que surge a valorização da cultura. Como elucida Freitas (2010), com a luta anti-colonial este processo passa a ter um forte reflexo na produção literária, que nasce do discurso dos combatentes da FRELIMO, expressando o próprio cotidiano da luta. Dialogando com Freitas (2010), Bonini (2016) afirma:

Os movimentos pró-independência que surgiram nas colônias portuguesas, foram duramente reprimidos pela ditadura salazarista. Nesse contexto de luta de libertação, a construção de uma identidade nacional para os países africanos passava necessariamente por uma negação do repertório cultural europeu e a busca de uma outra forma de dizer. Em Moçambique, a luta de libertação também foi travada no campo ideológico, tendo como suporte a arte (BONINI, 2016, p. 107).

Nesse sentido, a literatura Africana de Língua Portuguesa começa a se distanciar da influência colonial ao iniciar um processo de escrita revolucionária e libertária que fala

⁶ Um dos fundadores da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), morreu em 1969, “assassinado por uma bomba postal” (FREITAS, 2012, p. 20).

sobre si própria, sobre sua cultura e povo. A esfera literária buscou construir um nacionalismo que foi impulsionado por posições e discursos anticoloniais – que já perduravam nos movimentos de combate – com a consciência da necessidade de se reconstruir a própria identidade.

O pesquisador moçambicano Francisco Noa (2017) salienta que a partir de 1980 a literatura moçambicana adquiriu pujança através dos autores e da qualidade dos textos, formando uma liberdade de criação que proporcionou o surgimento de uma escrita comprometida com a historicidade e especificidade “em que o inconformismo do verbo e a inquietação identitária se fundem na sua imagem de marca” (NOA, 2017, p. 20). Não podemos esquecer que o contexto sociopolítico de Moçambique se encontrava em efervescência cultural e histórica com o surgimento de movimentos e grupos que visava a nova sociedade, agora, ex-colônia de Portugal, buscando oferecer um incentivo às vozes emergentes dos escritores (NOA, 2017).

Ainda neste período, as mulheres negras eram amplamente discriminadas, vivendo em um sistema colonial em condições sub-humanas, mas apesar de toda opressão elas não se calam, pois, como elucida Dantas (2011), as mulheres são guerreiras e combatem as adversidades, assumindo espaços sociais diversos. Neste viés, destacam-se várias escritoras, como Paulina Chiziane que ocupa e desempenha lugar de importância na história da literatura moçambicana, considerada a primeira romancista do seu país. As obras chizianianas são exemplos evidentes das produções intelectuais moçambicanas que objetivam enaltecer a cultura nacional.

Considerações sobre a obra em apreciação

O sul de Moçambique é uma região conhecida por ter uma cultura patriarcal em que as mulheres precocemente fazem parte de ritos de iniciação⁷ com a finalidade de preparação para a vida matrimonial e materna, ou seja, são ensinadas para que possam casar e ser boas mães e esposas. Acerca dos costumes das mulheres do sul e do norte de Moçambique, Bezerra (2012) destaca o seguinte:

Existe uma diferença básica entre as mulheres do sul e do norte do país. Na Zambézia, norte do país, as cidades são em sua maioria matriarcais.

⁷ Os ritos de iniciação são uma espécie de preparação na qual as jovens meninas moçambicanas aprendem técnicas de sedução e também como devem se portar diante do marido.

O que se percebe na história de Moçambique e coincide com a narrativa, é o fato de que a mulher nesta região possui uma voz ativa, ocupa um lugar social de destaque, além de exercer algum poder. Ou seja, até as questões relacionadas à poligamia são vistas pelo ponto de vista de um aspecto cultural. Nas comunidades rurais as mulheres queixam-se de não manterem relações sexuais com os maridos e por isso convocam a família para uma reunião em que se discuta este assunto. O que se expressa o fato do prazer sexual ser algo de relevante importância para a mulher (BEZERRA, 2012, p. 2).

Além das relações percebidas a respeito do papel e lugar da mulher nessa tradição cultural, também se pode destacar a religiosidade enquanto temática assídua em todo o enredo. Seja representada pela tradição cultural dos moçambicanos por meio da feitiçaria ou a partir do personagem Mwando, cristão colonizado, que representa a modernidade e a renúncia dos costumes e crenças tradicionais. Para Gutiérrez (2014):

Mwando concebe a fé cristã e o catolicismo como resultado da colonização portuguesa e a imposição de valores e discursos hegemônicos da igreja por meio da exclusão e da abolição do pensamento e do distanciamento do discurso do nativo nas tentativas de embranquecimento das culturas e das lógicas discursivas impostas pelo colonizador, deixando claro que o discurso está imerso dentro de uma ordem social, e das condições de interdição sendo distribuído segundo a classe, gênero, raça e etnia e que, neste caso, prevaleceria a vontade de saber do homem frente àquela mulher negra, iletrada e submissa (GUTIÉRREZ, 2014, p.7).

A mulher que Gutiérrez (2014) se refere é Sarnau, personagem principal, descrita como uma jovem sonhadora que deseja viver uma história de amor com Mwando, o qual recusa assumir o relacionamento. Nesse seguimento, Pereira (2022), acentua que “as mulheres moçambicanas são ensinadas desde muito cedo a serem esposas atenciosas e subservientes, mães dedicadas à formação dos filhos, cabendo-lhes a responsabilidade para com o lar e a prole” (PEREIRA, 2022, p. 26). Para Sarnau, a feitiçaria, a poligamia e o lobolo⁸ são práticas vivenciadas por ela e todos de sua comunidade rural e que ainda não havia tido um contato mais próximo com o colonizador.

Para Chiziane, a poligamia é um sistema opressor que inferioriza cada vez mais as mulheres, a escritora se coloca contrária a essa prática, enfatizando tal posição em sua escrita. Apesar de todas as modificações ocorridas ao longo dos tempos e com as

⁸ Preço que o noivo paga à família da noiva para tê-la como esposa.

influências do colonizador, a poligamia em Moçambique não deixa de ser um sistema que oprime as mulheres. É possível observar uma identidade de resistência quando Sarnau busca amor na relação com Mwando, mesmo sendo a primeira esposa do rei, rainha e dona dos colares e braceletes de ouro, ela decide sentir verdadeiramente o afeto.

Apesar de querer Mwando só para si, Sarnau estava disposta a dividi-lo com outras mulheres. Entretanto, ele enquanto cristão colonizado não se permite viver esse amor. “Sarnau, o teu desejo não pode ser realizado. Nunca serás a minha mulher, nem segunda, nem terceira, nem centésima primeira. Eu sou cristão e não aceito a poligamia” (CHIZIANE, 2003, p. 29). Notamos como a influência do colonizador interfere na relação do jovem casal que decide não se submeter a tradição para ficarem juntos. Ou seja, Mwando rejeita a sua cultura por saber ler e escrever, acreditando que Sarnau não é digna dele por ainda viver em uma cultura não influenciada pelo colonizador, cultura esta considerada superior pelos já colonizados.

Conforme a interpretação de Bezerra (2012), Sarnau na posição de primeira mulher está totalmente dividida entre a tradição e a modernidade⁹, pois deseja libertar-se daquela imposição do casamento e do fatídico destino de um casamento polígamo. Esse fato se comprova quando a narradora-personagem fala do casamento cheio de tradição e beleza, do seu marido, o mais bonito, e do reino que será seu assim que a rainha morrer. No narrar desse “reino encantado”, Sarnau rompe com a idealização da função de primeira esposa, começando a relatar sua nova vida como um grande chiqueiro de porcos, onde as mulheres de seu sogro, o rei, agem como porcas.

Como é possível notar, a narrativa tem duas vertentes: a primeira apresenta a cultura tradicional, na qual a poligamia, a crença em vários deuses e a feitiçaria predominam; a segunda reflete a imposição colonial, tanto na esfera sociocultural quanto na religiosa. Nesta última, o cristianismo surge com frequência no enredo, ainda não tão consolidado, nem aderido por todos os personagens, porém, com *status* de única doutrina verdadeira, atuando como ferramenta de superioridade.

Com o objetivo de enraizar os costumes do colonizador, Mwando casa-se com uma mulher cristã, considerada por ele e por sua família como civilizada. É interessante mencionar que apesar de recusar as práticas culturais e tradicionais, como a poligamia, o

⁹ Nelson Maldonado-Torres (2019) aborda, de forma conceitual, o que é considerado Tradição e Modernidade, sendo a segunda considerada por determinados povos como a forma de vida que hierarquiza as culturas, as considerando “selvagens ou civilizadas”.

personagem Mwando não deixa de pagar o lobolo a família da noiva, o que comprova que não há uma recusa generalizada dos costumes tradicionais moçambicanos. No período em que se passa a narrativa, a escritora deixa claro que os colonizados ainda não haviam se estabelecido conforme imperava o sistema colonial.

Mwando não é feliz em seu casamento, sua esposa, Sambu era tida como uma má influência para a comunidade, isso se dava pelo fato de a mulher além de ser cristã ter uma maior relação com os costumes do colonizador, não aceitando trabalhar e realizar as tarefas que se esperavam das mulheres. Sambu é descrita como ambiciosa, desejando as mais belas capulanas. Suas atitudes são semelhantes aos costumes das mulheres do Norte, região matriarcal em que a mulher é sujeito central na sociedade.

Uma outra personagem que estabelece semelhança com Sambu – conservando as respectivas diferenças de enredo e constituição própria da figura romanesca – é Delfina, da obra *O alegre canto da perdiz* (2008), que tem “o desejo de obter o reconhecimento social de uma mulher branca, de posses, de traços europeus” (PEREIRA, 2022, p. 91). Além disso, ambas desejam desfrutar das melhores roupas e condições econômicas, aproximando-se dos ideais do colonizador.

Aspectos da colonização em *Balada de amor ao vento* (2003)

Mignolo (2017) afirma que muitas narrativas pertencentes ao período moderno enfatizam o discurso do europeu, no destaque dos triunfos alcançados, omitindo, assim, a colonialidade e toda a imposição aos nativos. É imprescindível destacar que a colonialidade a que se refere Mignolo (2017) consiste o processo da invasão e exploração maciça dos povos habitantes no continente africano.

O personagem Mwando considera-se superior a Sarnau, por seu acesso à educação formal e por ter um contato maior com o colonizador fazendo com que se sinta “civilizado”. Ele casa-se com Sambu, mulher escolhida por sua família. O ato de não se casar com Sarnau configura a recusa aos costumes tradicionais e, com isso, a prática da poligamia. No trecho a seguir é possível observar tanto a renúncia da cultura local, quanto a vontade de agir conforme os costumes ocidentais, vejamos:

Sentia a sua devoção abalada pela paixão. Não conseguia fugir às tramas da *serpente*, a Sarnau arrastava-o cada vez mais para o abismo. Mas porque é que Deus não protege os seus filhos mais devotos, e deixa

serpentes espalhadas por todo o lado, porquê? «Mas eu quero ser padre», dizia entre lágrimas, *eu quero ser padre, usar batina branca, cristianizar, batizar, mas ela arrasta-me para o abismo, para as trevas, ah, como é bom estar ao lado dela*. Se o padre descobrir a minha paixão expulsa-me do colégio na frescura do entardecer tal como Adão no Paraíso (CHIZIANE, 2003, p. 21. grifos nossos).

Notamos na citação acima, a responsabilidade que é recaída sobre a mulher nesse contexto. Mwando não teve coragem de assumir seu amor por Sarnau e a culpava por não estar conseguindo se estabelecer no seminário, não concretizando o desejo de usar a batina branca. Entre idas e vindas, no fim do romance, Mwando retorna em busca do perdão de Sarnau, tendo se passado cerca de quinze anos de muito sofrimento para ambos, uma vez que Sarnau se prostituiu para pagar o seu lobolo a família do rei que fora abandonado por ela em troca de Mwando, que por sua vez foi escravizado e viveu durante esse tempo em Angola.

Nesse seguimento, é preciso frisar que o personagem Mwando pode ser compreendido como um sujeito colonizado, que pratica a religião e os aspectos culturais dos portugueses. Observamos, nesse contexto, a relação entre o nativo colonizado ou em processo de colonização e o não colonizado, sendo este oprimido e escravizado, também, por seus irmãos.

O psiquiatra e filósofo martinicano Franz Fanon na obra *Os condenados da terra* (1968), afirma que os efeitos do mundo colonial atuam nas divisões sociais e na legitimação dos discursos, tem-se, assim, uma sociedade maniqueísta¹⁰, onde o colonizador não possui direito à voz, sendo tratado através da ótica da inferiorização. Fanon (1968) salienta:

A linguagem do colono, quando fala do colonizado, é uma linguagem zoológica. Faz alusão aos movimentos répteis do amarelo, às emanções da cidade indígena, às hordas, ao fedor, à poluição, ao bulício, à gesticulação. O colono, quando quer descrever bem e encontrar a palavra exata, recorre constantemente ao bestiário. O europeu raramente acerta nos termos “figurados”. Mas o colonizado, que apreende o projeto do colono, o processo preciso que se instaura, sabe imediatamente o que o outro pensa. Essa demografia galopante, essas massas históricas, esses rostos de onde fugiu qualquer traço de humanidade, esses corpos obesos que não se assemelham mais a nada, esta corte sem cabeça nem cauda, essas crianças que dão a impressão

¹⁰ Filosofia criada por Manes, a qual defende a divisão do mundo entre dois polos: o bem e o mal. Segundo Lima (2001), as trevas e a luz encontram-se em constante conflitos na concepção maniqueísta, a qual se difundiu pelo Império Romano e Ocidente Cristão.

de não pertencerem a ninguém, essa preguiça estendida ao sol, esse ritmo vegetal, tudo isso faz parte do vocabulário colonial. (FANON, 1968, p. 31-32, grifo do autor)

Partindo dessa assertiva, Fanon (1968) aponta que essa realidade de animalização e opressão não passava despercebida pelo colonizado, o qual ao entender que a descrição do colonizador não o classificava, mas tinha por finalidade reforçar os laços da subjugação, afirmava-se enquanto indivíduo dotado de humanidade e começava a construir a luta contra a violência e a opressão do colono. Este, por sua vez, tentava sufocar a voz e a resistência do colonizado ao impor a soberania e os seus princípios (FANON, 1968).

No período em que Mwando foi capturado, o enredo traz o quão trágico e desumanizador foi o contato de exploração do colonizador com o nativo. Neste sentido, Mwando enquanto personagem que era tido como colonizado vai protagonizar o contato com a maldade e exploração do colonizador, neste momento visualizamos a relação existente entre a forma como os negros oprimiam seus iguais – resultado do processo de colonização e seus desdobramentos opressivos. Vejamos a citação abaixo:

Os pretos gritavam para outros pretos como se pretos não fossem. O escravo liberto torna-se tirano. O homem alcança as alturas cavalcando nos ombros dos outros. A galinha no poleiro caga despreocupada para as que estão em baixo ignorando que no próximo pôr do sol a situação pode inverter-se. A força de um mede-se pela fraqueza do outro [...]. Os capatazes pretos empurravam os pretos, obrigando-os a subir a escadaria para a proa do navio. (CHIZIANE, 2003, p. 39).

A situação descrita acima se repete constantemente, visto que muitos escravizados eram selecionados pelo colono para ocupar uma posição de chefia dos demais indivíduos, os quais não compreendiam a razão de seu próprio povo realizar as humilhações e castigos, corroborando no processo de escravização. O narrador relata: “um irmão mata outro irmão para demonstrar a sua força ou sobrepor-se-lhe. Em todas as gerações há exemplos de indivíduos que dizimam outros para assegurar o poder” (CHIZIANE, 2003, p. 39). A violência é praticada também pelo colonizado que se tornou capataz, executando as atrocidades solicitadas. Todavia, esse comportamento é fruto do processo de imposição colonial porque “o colonizado vê-se amarrado entre as malhas apertadas do colonialismo” (FANON, 1968, p. 46), sendo necessário, muitas vezes, submeter-se aos comandos do colonizador para tentar sobreviver.

No contexto colonial, segundo Fanon (1968), o sujeito colonizado pertence a um estado de aflição constante. O universo do colono é um ambiente ameaçador que menospreza o nativo, porém, “ao mesmo tempo é um mundo que faz inveja [...], o colonizado sonha sempre em instalar-se no lugar do colono” (FANON, 1968, p. 45). A vontade de substituir o colonizador parte da necessidade de alcançar um território “protegido” (FANON, 1968, p. 45), que, a despeito da opressão predominante representa uma posição aparentemente mais segura (FANON, 1968).

Nessa perspectiva, o narrador relata o sofrimento dos escravizados: eram “homens e mulheres, jovens e robustos” (CHIZIANE, 2003, p. 38), retirados da família, expostos à violência, tendo a liberdade cerceada e identidade destruída. O narrador continua: “entravam no navio, vencidos, cabisbaixos, [...] enxotados pelos seus caçadores, enquanto o chicote silvava no ar, lambendo as costas esfarrapadas [...], que movidos pela raiva, revolta e desespero teciam preces” (CHIZIANE, 2003, p. 38). As orações feitas eram direcionadas aos defuntos e à divindade do cristianismo, demonstrando a presença da imposição colonial no que concerne a religião, porém, percebemos, de maneira semelhante, a resistência dos povos africanos em manter suas origens ao passo que continuam praticando a sua espiritualidade apesar das adversidades.

As mortes eram recorrentes e o derramamento de sangue uma constante, sendo muitos fatores além da escravização que ocasionavam o falecimento dos homens. O narrador conta: “Em cada noite eram presenteados com um cadáver vitimado por uma cobra, uma máquina, febre, ou pelo calor excessivo das torradeiras de café” (CHIZIANE, 2003, p. 41). As condições em que eram obrigados a executar as tarefas diárias apresentam-se como sub-humanas, aumentando a frequência de vítimas.

Quando um moçambicano falecia por não resistir aos castigos, situação de dominação e precariedade dos serviços impostos, chamava-se o padre e o curandeiro angolano, chamado Januário para encomendarem a alma do defunto. Todos aguardavam os líderes espirituais, “*sem uma lágrima nos olhos*, contando histórias da terra, da travessia dos mares e das lutas de resistência” (CHIZIANE, 2003, p. 41, grifos nossos). É interessante perceber, conforme trecho em destaque, que há um enrijecimento sentimental dos personagens, que não se lamuriam ou ficam em prantos pelas perdas sofridas, ao contrário disso, compartilham suas narrativas pessoais de luta e superação.

O fragmento a seguir mostra os rituais adotados pelo cristianismo e pelo curandeiro, este que representa as práticas religiosas moçambicanas:

Mwando, o padre Moçambique, chegou trajando a sua batina de pano cru, chapéu de palha e pés descalços, levando a Bíblia na mão esquerda.

[...]

O padre Moçambique iniciou as orações que repetiam em coro.

— Deus abençoe esta alma. Que durma em paz!

[...]

Veio a vez do feiticeiro angolano. Queimou os seus preparados que encheram a casa de fumo acre. Invocou os defuntos antigos e recentes. Deu voltas e mais voltas ao cadáver, uivou, gritou no idioma dos mortos. O morto foi envolvido na sua manta e levado a enterrar ao luar, na roça dos crucifixos que era o cemitério dos condenados.

(CHIZIANE, 2003, p. 41).

A oração do padre não causa comoção, apenas um coro de repetição homogênea, o que entendemos como uma certa aversão à cerimônia católica, às crenças impostas e introduzidas com a colonização. Por outro lado, as palavras do curandeiro Januário são ligadas à ancestralidade e reconhece na partida do irmão, a dor da escravização e da subordinação: “Partiste finalmente para a Guiné e invejamos-te esta sorte suprema. Neste momento estás entre os teus antepassados que te recebem calorosamente, a quem contarás as tuas mágoas que eles chorarão” (CHIZIANE, 2003, p. 42). A cerimônia emocionou a todos, saindo dos rostos rígidos e sofridos as lágrimas de estremecimento.

Os colonos, buscando fortalecer o seu poderio sobre o povo, viram em Mwando uma forte influência na pacificação das revoltas, sendo esse um dos vários artifícios adotados para perpetuar a dominação: “Muito depressa os colonos reconheceram nele o homem de que precisavam, o pacificador das revoltas nas roças, com a doutrina do sofrimento na terra e recompensa no céu” (CHIZIANE, 2003, p. 41). Percebe-se que o cristianismo/catolicismo é usado também como justificativa para a exploração, com a promessa de vida eterna/salvação da alma.

Nessa perspectiva, podemos compreender que a narrativa de Chiziane apresenta uma crítica ao cristianismo, temática essa que propiciaria uma ampla discussão e debate. Desse modo, com o objetivo de verificar e compreender os impactos da colonização e como se deu o contato entre colonizador e colonizado, o presente trabalho realizou um breve recorte acerca do objeto proposto.

Desse modo, a ficção moçambicana amalgama “o oral e o escrito, o latente e o manifesto, o tradicional e o moderno, passado e o presente, o interdito e o permitido, o rural e o urbano, o nacional e o estrangeiro” (NOA, 2017, p. 23). São diferentes perspectivas em exposição, recriação e representação. Para Noa (2017), é essa renovação

literária que indica a vitalidade de um sistema literário, são as vozes que despontam e as estórias concebidas que configuram a nossa literatura moçambicana.

Considerações finais

A colonização em Moçambique, assim como na África, causou diversos prejuízos aos povos originários, resultando em um intenso processo de desestruturação identitária, econômica, religiosa e em um longo período de escravização e sofrimento. Como discutido, a literatura chizianiana trabalha em seus enredos e através das figuras ficcionais os aspectos da colonialidade ainda presentes no país, trazendo uma reflexão crítica e posicionada socioculturalmente no entendimento dos desdobramentos complexos que envolvem o período colonial e seus impactos.

A análise da obra *Balada de amor ao vento* (2003) possibilitou a reflexão acerca da colonização durante a instauração do domínio português em Moçambique através dos personagens romanescos chizianianos. Dessa maneira, na relação de Mwando e Sarnau percebemos que é construída uma certa distância entre os namorados por ser Mwando um moçambicano colonizado, que segue os moldes dos europeus, exercendo, inclusive, a religião do colonizador, o catolicismo/cristianismo. Esse fato acaba por significar na perspectiva do jovem seminarista uma posição de superioridade, não aceitando, desse modo, ter como esposa uma mulher não adepta aos costumes portugueses.

A imposição colonial ocasionou também, como visto nas discussões apresentadas, um grande conflito entre o moçambicano colonizado e o não colonizado, sendo este último, agredido, subjugado e humilhado por seus iguais. A escravização oriunda desse período foi um período de incontáveis mortes e extrema violência, em que se tentou destruir a identidade e a cultura do povo africano.

Nesse sentido, este trabalho apresenta uma colaboração à fortuna crítica da escritora moçambicana Paulina Chiziane, bem como às discussões acerca da colonialidade, oferecendo uma leitura analítica e reflexiva do romance *Balada de amor ao vento* (2003). Há de se destacar que outros aspectos poderiam ser analisados, além do que foi estudado, a partir do romance selecionado, expandindo as análises e reflexões, uma vez que a escrita de Chiziane fornece múltiplos desdobramentos analíticos.

Referências

- BEZERRA, Rosilda Alves. Niketche, Balada de amor ao vento e Eva: a recepção da poligamia em romances africanos. *In*: MARTINS, Marco Antonio *et al.* **Anais da Jornada do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste (GELNE)**. Natal-RN, p. 01-12, 2012. Disponível em: <https://gelne.com.br/arquivos/anais/gelne2012/Arquivos/Ensino%20de%20literatura.html>. Acesso em: 25 out. 2021.
- BONINI, Roseleine Vitor. A ausência de um discurso amoroso nas literaturas africanas de língua portuguesa: o caso Noémia de Sousa. **Linguagem - Estudos e Pesquisas**. Catalão, v. 20, n. 01, p. 105-113, jan./jun. 2016.
- CHIZIANE, Paulina. **Balada de amor ao vento**. 2. ed. Lisboa: Editorial Caminho, 2003.
- CHIZIANE, Paulina. **alegre canto da perdiz**. Porto: Caminho, 2008.
- CHIZIANE, Paulina. **Eu, mulher...por uma nova visão do mundo**. Belo Horizonte: Nandyala, 2013.
- DANTAS, Luciana Neuma Silva Muniz Meira. **Identidade da mulher moçambicana nas obras de Noémia de Sousa e Paulina Chiziane**. 111f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade). Universidade Estadual da Paraíba. Campina Grande-PB, 2011.
- FANON, Franz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- FREITAS, Sávio Roberto Fonseca de. Noémia de Sousa: poesia combate em Moçambique. **Cadernos Imbondeiro**. João Pessoa, v. 1, n. 1, 2010.
- FREITAS, Sávio Roberto de. **A condição feminina em Balada de amor ao vento, de Paulina Chiziane**. 170f. Tese (Doutorado em Letras). Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2012.
- GUTIÉRREZ, Néstor Raúl González. A relação de poder e a ordem do discurso no romance Balada de Amor ao Vento de Paulina Chiziane. **Revista Ambivalências**. Sergipe, v. 2, n. 4, p. 66-80, Jul-dez, 2014.
- LIMA, Raymundo. O maniqueísmo: o bem, o mal e seus efeitos ontem e hoje. **Revista Espaço Acadêmico**. Paraná, v. 1, n. 7, p.01-05, 2001.
- MALDONADO-TORRES, Nelson. Análítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. Tradução de Dionísio da Silva Pimenta. *In*: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón. (Org.). **Decolonialidade e pensamento afrodiáspórico**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2019. p. 27-54.

MIGNOLO, Walter. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. Tradução de Marco Oliveira. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 32, n. 94, p. 01-18, 2017.

NOA, Francisco. **Uns e outros na literatura moçambicana**. São Paulo: Kapulana, 2017.

OLIVEIRA, Jaqueline; COELHO, Cláudia. A Resistência Poética em Noémia de Sousa. **Revista Mosaico**. São José do Rio Preto, v. 18, n. 1, p. 135-151, 2019.

OLIVEIRA, Elizabeth de Souza; LUCINI, Marizete. O pensamento decolonial: conceitos para pensar uma prática de pesquisa de resistência. **Boletim Historiar**. Sergipe, v. 8, n. 1, p. 97-115, jan./mar., 2021.

PEREIRA, Luiza Benício. **A condição da mulher moçambicana em Ventos do Apocalipse, de Paulina Chiziane**. 108f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade). Universidade Estadual da Paraíba. Campina Grande-PB, 2022.

SOARES, Eliane Veras. Estruturas de Sentimento e formação da literatura em Moçambique: a construção de uma hipótese. **Boletín Oñteaiken**. Argentina, v. 1, n.17, p. 59-68, 2014.